

Dicionário Houaiss: considerações sobre a microestrutura (Houaiss Dictionary: considerations on the microstructure)

Mateus Cruz Maciel de Carvalho¹

¹PG – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara SP

mateuscmcarvalho@gmail.com

Abstract. *This work seeks to make a brief discussion of some actions taken regarding to the structure of Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss Dictionary of Portuguese Language), emphasizing the microstructure. To accomplish this goal, I anchored in Bosque (1982), Dapena (2002) e Welker (2004). Thus, it was possible argue that the Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa is a mega-structure composed by nomenclature (macrostructure or body of dictionary) and the external texts (previous and later). In the introduction, there is a text that explains the actions taken with respect to the structuring of the microstructure; in this text, the authors clarify the order of elements on the microstructure and bring considerations about the phraseologies and phrases.*

Keywords. *lexicography; Houaiss Dictionary; microstructure.*

Resumo. *Este trabalho busca fazer uma breve discussão sobre as atitudes tomadas acerca das estruturas do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, com ênfase na microestrutura. Para cumprir tal objetivo, ancorar-me-ei nos ditos de Bosque (1982), Dapena (2002) e Welker (2004). Assim, foi possível argumentar que o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa é uma mega-estrutura composta por uma nomenclatura (macroestrutura ou corpo do dicionário) e os textos externos (anteriores e posteriores). Na introdução do dicionário, há um texto que explica as atitudes tomadas a respeito da estruturação da microestrutura; nesse texto, os autores esclarecem a ordem dos elementos na microestrutura e trazem considerações sobre as fraseologias e as locuções.*

Palavras-chave. *lexicografia; Dicionário Houaiss; microestrutura.*

1. Introdução

A linguística teve *status* de ciência autônoma no início do século XX. Entretanto, os estudos sobre a linguagem datam de muito tempo antes disso. Se tomarmos por base o Brasil, veremos que no momento do “descobrimento” feito pelos portugueses no ano de 1500 temos as primeiras técnicas lingüísticas. Frente ao Novo Mundo, Caminha sentiu a necessidade de nomear as coisas nunca vistas anteriormente. Foi desse contato com o novo que se fez necessário nomear, descrever. Podemos, portanto, considerar Caminha como o primeiro a usar técnicas lexicográficas em solo brasileiro.

Ainda no século XVI as técnicas lexicográficas aparecem de forma mais nítidas com a elaboração de listas de palavras feitas pelos jesuítas com o objetivo de catequização dos índios. Pensando nas técnicas lexicográficas, nos primeiros dois séculos de colonização foram elaboradas apenas listas de palavras língua indígena/português; pensando em um dicionário exclusivamente português, o primeiro foi o “Dicionário da Língua Portuguesa” de Antônio de Moraes Silva, no século XVIII. Dessa forma podemos ver que desde o início da colonização do Brasil as técnicas lexicográficas estão presentes.

Este trabalho propõe uma breve discussão sobre a microestrutura do grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa; aqui, portanto, o trabalho é feito com um dicionário monolíngue. Busca-se aqui analisar como se estrutura o verbete (a microestrutura) com intuito de identificar os padrões seguidos na elaboração do dicionário Houaiss. A discussão ancora-se teoricamente em Bosque (1982) e Dapena (2002), visto que esses autores discutem a questão da microestrutura nos dicionários.

Todo dicionário segue alguns padrões na sua ordenação. Esses padrões são definidos de acordo com o objetivo do dicionário. Não se pode esperar que um minidicionário traga verbetes longos, com muitas abonações; não se pode esperar também que ele apresente uma longa discussão gramatical em seu início, ou então uma análise profunda da língua em questão. Os metalexígrafos, portanto, devem analisar os dicionários tendo como parâmetro fulcral a que o dicionário se propõe; é óbvio que um minidicionário deve ser analisado de modo diferente da forma como se analisa um grande dicionário.

2. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e suas estruturas

Welker (2004) traz uma visão interessante sobre os dicionários. Para esse autor, o dicionário é uma megaestrutura composta pela nomenclatura (macroestrutura ou corpo do dicionário) e pelos textos externos. O verbete é uma microestrutura; é a soma de todos os verbetes que compõe a macroestrutura. Dessa forma, o dicionário Houaiss é uma megaestrutura que compreende os textos externos e uma macroestrutura; esta última, por sua vez, é composta pelo todo dos verbetes, isto é, pela microestrutura.

Em se tratando dos textos externos, Hausmann e Wiegand, segundo Welker (2004), os dividem em anteriores, internos e posteriores. Olhando para o dicionário Houaiss dessa perspectiva podemos dizer que como textos anteriores ele traz um prefácio, uma apresentação, uma lista de abreviaturas, um detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas, um texto explicativo sobre as atitudes tomadas referente aos verbos na língua portuguesa, uma lista geral das reduções e uma bibliografia das fontes de datação e etimologia; os elementos internos do Houaiss são os verbetes (nomenclatura, macroestrutura ou corpo do dicionário); por fim, como elemento posterior o dicionário tem as referências bibliográficas.

Para Dapena (2002, p. 135), os dicionários são construídos por dois eixos fundamentais:

una **macroestrutura**, constituida por todas sus entradas dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador, junto a una **microestrutura** o conjunto de informaciones – también dispuestas de acuerdo con un determinado patrón o patrones – que se ofrecen dentro del artículo lexicográfico. (grifos do autor)

O Houaiss é um dicionário semasiológico e, portanto, parte do significante e chega ao significado. Sua macroestrutura segue o critério ordenador de listar os lemas em ordem alfabética. Isso, na maioria das vezes, facilita a pesquisa por parte do consulente, visto que o dicionário do tipo onomasiológico (que parte do significado e chega ao significante) pode representar uma dificuldade às pessoas que não têm muito contato com eles.

É relevante dizer que o dicionário Houaiss apresenta um texto muito detalhado sobre as atitudes tomadas na construção dos verbetes. Uma leitura atenta desse texto

pode ser de grande valia para o consulente. Ao final desse longo texto referente aos verbetes, o dicionário Houaiss traz um esquema que mostra a ordem completa dos elementos componentes de um verbete. Segue, então, esse esquema que representa a microestrutura do dicionário Houaiss:

1 **entrada** + 2 **ortoépia/pronúncia** + 3 **língua** (só pal. ou loc. estrangeiras)/(tradução literal)/marca registrada + 4 **classe gramatical** (em sub-blocos e blocos) + 5 **datação** + 6 **acepções: numeração** 7 **regências** (só verbos)/qualificativos complementares de conjugações, numerais e pronomes 8 **derivação semântica** e **acepção restritiva** {uso do *freq.*} + 9 **rubrica temática** + 10 **regionalismo** + 11 **nível do uso** + 12 **estatística de emprego** + 13 **registro diacrônico** + (**plural com sentido próprio**) + 14 **locuções** + 15 **gramática** (ou **uso** ou **gramática e uso**) + 16 **etimologia** + 17 **sinonímia** + 18 **antonímia** + 19 **coletivos** + 20 **homonímia** + 21 **paronímia** + 22 **vozes de animais** + 23 **onomasiologia** (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. XLIII).

3. Microestrutura: as definições

A teoria da definição é um aspecto central na lexicografia monolíngue (BOSQUE, 1982). Bosque (1982) diz que R. Martin (1977) propõe uma distinção entre definições metalingüísticas e definições parafrásticas. Algumas classes de palavras (preposições, pronomes, conjunções...) não são passíveis de definição, apenas de explicação; é isso que o autor chama de definição metalingüística. As definições parafrásticas o autor chama de “verdadeiras” e, dentre elas, ele destaca três: “a definição hiperonímica”; “a definição sinonímica”; e “a definição antonímica”.

Essa distinção entre definições metalingüísticas e definições parafrásticas feita por Bosque (1982) pode ser relacionada à distinção entre palavras gramaticais e palavras lexicais feita por Dapena (2002). Dapena (2002) afirma que a distinção entre léxico e gramática ainda não teve solução satisfatória e aceita pacificamente por todos. O que se sabe é que “la palabra es, desde luego, imprescindible em nuestra tradición lingüística” (p. 140).

As palavras gramaticais aparecem no dicionário Houaiss (2001) e são definidas metalingüisticamente, ou seja, são dadas explicações de uso e exemplos de suas ocorrências contextuais na língua portuguesa. Segue um trecho do verbete da preposição “por”:

por *prep.* (sXIII cf. FichIVPM) **1** através de, sobre, ao longo de, em <os ladrões entraram p. esta janela> <viajaram p. mar e p. terra> <caminhamos pelo jardim> <passavam pela praia> **2** perto de, ao lado de, dentro de (lugar) <em minha viagem, passei p. Porto Seguro> <este ônibus passa pela Central do Brasil> (...) **30** agente da ação (na voz passiva) <Fogo Morto foi escrito p. José Lins do Rego>... (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2262).

O verbete de “por” é um exemplo claro do que Bosque (1982) chama de “definição metalingüística”. O verbete apresenta trinta formas diferentes da preposição “por” ocorrer na língua portuguesa e as ilustra com exemplos. Para os verbetes de preposições, conjunções, artigos, entre outros, o dicionário Houaiss (2001) traz explicações de uso por meio de exemplos contextualizados, e não definições.

O verbete da palavra “rosa”, por sua vez, é um exemplo de “definição parafrástica”. O verbete começa com a definição hiperonímica, tipo de definição mais freqüente em definições parafrásticas, segundo Bosque (1982).

rosa *s. f.* (sXIII cf. FichIVPM) **1** a flor da roseira **2** ANGIOS design. comum aos arbustos do gen. *Rosa*, da fam. das rosáceas, que reúne cerca de 150 spp., por vezes escandentes, ger. com espinhos e flores solitárias ou em panículas, e aquênios em receptáculos carnosos [Nativas de regiões temperadas do hemisfério norte e de áreas tropicais montanhosas, são mundialmente cultivadas, com milhares de híbridos e variedades, como ornamentais e para o comércio de flores, para extração de óleos essenciais us. em perfumes, por propriedades medicinais etc.] (HOUAISS; VILLAR 2001, p. 2474).

A relação parafrástica pode ser vista no verbete pelo uso do hiperônimo “flor” na definição. Em verbetes cuja definição parafrástica é do tipo hiperonímica, as demais informações presentes no artigo lexicográfico servem para mostrar traços peculiares do que se está definindo. Esses traços peculiares são os semas que formam o todo significativo de uma palavra. O hiperônimo “flor”, por exemplo, é composto por vários co-hipônimos como rosa, margarida, trepadeira, samambaia, etc.; uma análise dos semas desses co-hipônimos nos mostra a diferença que há entre essas flores. Dessa forma podemos dizer que os semas são especificadores, pois a significação de uma palavra se deve à soma de todos os semas desta.

A circularidade nas definições representa um problema ao consulente. Isso se deve ao fato de que a base da palavra lematizada aparece na definição; se o consulente não sabe o significado básico da raiz do morfema, a definição que repete essa raiz não o levará a entender o significado da palavra.

movimentação s. f. (1899 cf. CF1) **1** ato ou efeito de movimentar(-se); movimento **2** infrm. Expressão de acúmulo de atividades, diversões, açosamentos etc.; agitação, alvoroço <em grandes cidades, a noite característica é de excessiva m.> (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1970).

Ação s. f. (1257 cf. IVPM supl.) ato ou efeito de agir <ações valem mais que palavras> **1** evidência de uma força, de um agente etc.; o seu efeito <a. de umidade, do tempo, de um medicamento etc.> **2** capacidade de executar uma coisa (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 41-42).

Rejeição s. f. (1789 cf. MS1) ato ou efeito de rejeitar **1** MED reação de anticorpos a um órgão ou tecidos enxertados no organismo (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2420).

4. Lexias e fraseologias

As locuções e as fraseologias são fenômenos lingüísticos que representam um problema para o lexicógrafo. J. Casares, segundo Dapena (2002, p. 150), define locução como “una combinación estable de términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario, familiar a la comunidad lingüística, no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”. As locuções, portanto, funcionam como lexias complexas. Em se tratando das fraseologias, Dapena (2002, p. 167) diz que “el hablante guarda en su memoria y produce em determinados contextos y situaciones”.

Dapena (2002) distingue três tipos de lexia: a simples, a composta e a complexa. O autor explica cada uma delas:

la **lexía simple**, que coincide con le palabra; la **lexía compuesta**, conjunto de palabras más o menos integradas y que vienen a equivaler a la noción tradicional de ‘palabra compuesta’ y, por último, la **lexía compleja**, que es una construcción fija lexicalizada, esto es, lo que aquí llamamos **locución** (DAPENA, 2002, p. 151, grifo do autor)

As lexias compostas e as lexias complexas sempre são problemáticas quanto à sua inserção nos dicionários. O lexicógrafo decide se as lematizam no dicionário ou as coloca como subentradas. Essa nem sempre é uma decisão tão simples. No dicionário Houaiss (2001), as lexias compostas são lematizadas, enquanto que as lexias complexas aparecem no meio do verbete.

No dicionário Houaiss (2001) as fraseologias não aparecem lematizadas, mas sim colocadas dentro do verbete precedidas por um símbolo que as identifica. A fraseologia “botar as mangas de fora” deve aparecer dentro do verbete “botar” ou no verbete

“manga”? E em “ninho de rato”, a fraseologia deve vir dentro do verbete “ninho” ou “rato”? Segue os trechos extraídos do dicionário Houaiss (2001):

manga *s. f.* (sXIII cf. FichIVPM) 1 VEST parte da vestimenta de forma e dimensões variáveis que recobre o braço total ou parcialmente <*m. sem punho*> <*a m. desta blusa está rasgada*> (...) • **botar as m. de fora** *B infm.* atrever-se, exceder-se, tomar atitudes censuráveis, esp. aquele que parecia incapaz de fazê-lo; por as mangas de fora, botar as manguinhas de fora, por as manguinhas de fora. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1833-4).

ninho *s. m.* (sXI[?] cf. Leges) 1 ORN estrutura construída pelas aves, na qual é feita a postura e a incubação dos ovos e onde g. as spp. nidícolas cuidam dos filhotes (...) • **n. de rato** algo em que reina a desordem <*seu cabelo está um n. de rato*> <*o quarto de dormir estava um n. de rato*> (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2019).

Como se pode ver nesses trechos, a fraseologia “botar as mangas de fora” apareceu dentro do verbete “manga”, e não em “botar” que é a primeira palavra da expressão. Já a fraseologia “ninho de rato” apareceu dentro do verbete “ninho” que é a primeira palavra da expressão. Isso, para o consulente, pode representar uma dificuldade pelo fato de que ele pode procurar “botar as mangas de fora” no verbete de “botar” ou então procurar “ninho de rato” no verbete “rato”. Isso, entretanto, parece ser um problema difícil de ser resolvido devido à natureza das fraseologias.

5. Considerações finais

As fraseologias, no dicionário Houaiss (2001), não têm entradas próprias, mas são identificadas por um símbolo dentro dos verbetes. Entretanto, como vimos com os exemplos “botar as mangas de fora” e “ninho de rato”, é difícil saber dentro do verbete de qual palavra a fraseologia aparece. Uma padronização aliada a um texto explicativo na introdução do dicionário justificando o modelo seguido e que não causasse dúvida quanto ao verbete em que a fraseologia vai aparecer poderia ser de grande ajuda ao consulente.

É importante dizer que o dicionário Houaiss (2001) apresenta um texto introdutório bem detalhado que proporciona ao consulente conhecimento sobre a forma de usar o dicionário bem como esclarece as atitudes tomadas referentes à elaboração dos dicionários; isso inclui a seleção do corpus, informações sobre a microestrutura e a

macroestrutura, atitudes acerca da lematização, enfim, uma leitura atenta do texto introdutório do dicionário pode facilitar muito a consulta.

6. Referências

BOSQUE, Ignacio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba, Anuario galego de filoloxía*, nº 9, Universidade de Santiago de Compostela, 1982. p. 105-123.

DAPENA, José Álvaro Porto. *Manual de Técnica Lexicográfica*. Madrid: ARCO-LIBROS, S.A., 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WEINRICH, Harald. A verdade dos dicionários. In: VILELA, Mário. *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1979.

WELKER, Herbert A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília:Thesaurus, 2004.

Recebido em 04/06/2014

Aprovado em 21/08/2014